



SIMPLESMENTE ACONTECEU

Meu nome é Dyonathan. Nasci a vinte e oito anos numa pequena vila nos arredores da cidade de Dourados, no sul do Estado de Mato Grosso do Sul. Na época a vila e mesmo a grande cidade de Dourados tinham poucos habitantes e todos se conheciam de uma forma ou outra. Ainda me lembro de que à noite os mais velhos e também os mais novos, levados pelos pais, sentavam-se ao luar para contar “causos”. Depois cada um voltava para sua casa para o merecido descanso, pois no outro dia a labuta continuava. Nós os mais novos, criancinhas, não podíamos ouvir suas histórias, eram coisas de gente grande. O que mais ouvíamos era “suma daqui moleque” ou coisas do gênero, quando apenas olhavam daquele jeito para nós e já sabíamos que era para ir brincar em outras bandas. A vila era muito pacata, podíamos ficar até tarde da noite e não havia qualquer perigo, nossos carros (de em tinha algum veículo na época) podia ficar todo o dia e mesmo a noite toda destrancado que ali permaneci. Podíamos tomar tererê nas calçadas das casas que não havia qualquer perigo. Boas lembranças daquela paz. Também me lembro ainda e isto é muito triste para mim, das noites que ficávamos – durante o inverno - todos dentro de casa tomando chocolate quente feito pelas mãos das avós e comendo pinhão que era comprado pelas pessoas que desciam para o sul do país. Eram – realmente – noites agradáveis.

Dourados foi crescendo e a nossa vila foi ficando cada vez menor, cada dia uma família se mudava dali para ir em busca de condições melhores, seja na cidade de Dourados ou em outras que trariam melhores ofertas de emprego para nossa gente. Meus pais nunca quiseram sair de nosso lugar e ainda hoje lá vivem com os poucos teimosos que preferem aquele sossego ao conforto da cidade.

Quando tinha dezessete anos também aproveitei que tinha de estudar e sumi dali, nunca mais retornei, nem mesmo para visitar meus pais. Na mesma época em que sai de lá, o grande amor de minha vida, Ana Paula, também saiu. Linda como o brilho das estrelas, seus olhos negros, cabelos longos e cheirosos, sua voz calma e penetrante e aquele corpo que jamais esqueci, me fazia ficar louco.

Mas era amor de infância? Não. Não era. Ela foi minha inspiração e meu martírio, minha luz e minhas trevas. Ela esteve em todos os momentos de minha jornada. Até hoje. Ela me colocou aqui, neste estado lastimável e deplorável que um homem pode se manter. Ela me tornou no que hoje sou.

Quando nos apaixonamos de fato, tudo aconteceu muito rápido e logo nosso amado filho Lucas estava a caminho. A gravidez transcorreu tudo bem, mas sempre ficava apreensivo, pois tudo poderia acontecer, mas acho que tudo (tantas preocupações) não passam de coisas de minha cabeça. Muitos temores passaram, vieram e se foram rápidos



como relâmpagos, já sinais de minha difícil personalidade. Sinal do mal que estava para acontecer.

Quando meu filho completou três anos – a coisa mais linda deste mundo – começaram sonhos a me perseguir. Toda noite o mesmo sonho por longos dois anos; *meu amado filho, o querido Lucas, estava caído em meus braços sem vida, todo ensanguentado.*

Certa vez numa viagem ao campo achei que ia ficar louco, minha cabeça ardia a ponto de não conseguir ver nada a minha frente. Nada conseguia controlar aquela dor. Parecia que iria explodir, meus remédios normais não mais faziam efeito. Tive de parar imediatamente o carro e ficar me contorcendo por um bom tempo no meio daquele milharal, esperando a dor passar. Quando aconteceu o alívio foi algo que não consigo explicar até hoje. Uma sensação de êxtase.

Depois de um tempo fomos morar na cidade de Sidrolândia, uma cidade encravada entre o trajeto de Maracajú a Campo Grande, capital do estado e que conta atualmente com aproximadamente 43 mil habitantes. Arrumamos emprego e tudo mais que precisávamos para nos tornar realmente uma família. Mas com pouco tempo que estávamos na cidade, minha adorável esposa colocou na cabeça que eu tinha outra. Uma amante. Destas que fazem a gente ficar com a cabeça “virada”. Sua desconfiança em nada se baseava, apenas em meus constantes retornos tarde da noite do trabalho e também pelo cansaço que sempre tinha. Chegava em casa e caía na cama esgotado. Haveria outro dia de trabalho no dia seguinte. E pior eu não conseguia explicar para ela por onde andava, pois nem mesmo eu sabia, minhas recordações não existiam e então a desconfiança sempre aumentava. Então aquele amor que parecia eterno, já não era mais estas coisas e raros os dias em que nos falávamos como um casal, onde tudo está bem. Raros eram os dias.

Mas, posso garantir que nunca tive uma amante, por mais que tenha desejado. Mulheres neste mundo promiscuo não falta, mas nunca senti atração por esta vida dupla. Mas também sei que jamais vou entender a mente das mulheres, assim prefiro não ficar perdendo tempo com isso, com esta desconfiança besta. Assim, nos separamos, ela foi para um lado e eu para outro e então resolvi me isolar ainda mais, já não tinha muitos amigos mesmo naquela cidade e assim permaneci. Afastando-me ainda mais dos poucos que tinha.

Ela, em pouco tempo, foi morar com o Antonio, um novo médico na cidade e ainda mais jovem também. Encontro aqui, encontro ali, resolveram juntar as vidas. Neste tempo eu podia ver meu filho aos finais de semana, isto era pouco tempo, mas era o que eu conseguia. O Antonio nem mesmo me cumprimentava quando lá eu ia à busca de meu filho. Certa vez nos esbarramos no Restaurante Boa Comida, um lugar tranquilo e romântico perto da praça principal. E de lá para cá minha querida e amada Ana Paula nunca mais falou comigo também.



Comecei a achar que esta vida não tinha mais sentido e num belo dia pedi para o Lucas passar o natal comigo, nesta época eu estava vivendo numa kit net (claro que minha casa tava uma bagunça, mas o que esperar de um homem que vive sozinho?).

Tivemos um dia tranquilo, nos divertimos muito como não fazíamos há algum tempo e Lucas foi dormir exausto e eu também, acho que mais ainda pois as crianças possuem uma energia que não conseguimos acompanhar. Fiquei olhando para aquela criança ali em meu quarto dormindo sem qualquer maldade. Parecia um anjo descansando (não é assim que as crianças se parecem?).

No dia seguinte não levantei muito bem, tudo parecia me irritar e estava um Sol dos infernos. Muito quente mesmo, um dia terrível, mesmo à sombra não dava para ficar. Lucas acordou por volta das dez da manhã. Tomou café enquanto eu saboreava alguns copos de tererê. Comemos um lanche leve por volta do meio dia e meio e fui dormir um pouquinho após a refeição. Apenas um descanso. Lucas ficou no videogame, que desgraça! Toda criança hoje parece aficionada nestes jogos eletrônicos.

O sono não me fez bem e levantei ainda pior e com aquela miserável dor de cabeça que me assombrava, discuti com meu filho por causa daqueles jogos eletrônicos e – sem mais nem menos – peguei uma faca na cozinha e esfaqueei – por várias vezes – meu querido filho. Droga! O que houve comigo? Não senti qualquer tipo de remorso, não senti nada, quando fazia isso estava em transe e simplesmente aconteceu. Não sei explicar, apenas aconteceu. Meu filho fechou os olhos cheios de lágrimas em poucos instantes e morreu como um passarinho. Seu sangue escorreu por todos os lugares, seu corpo inerte era tão frágil.

Joguei seu pequenino corpo dentro do porta-malas do carro e queria então me desfazer de seu corpo, mas triste ilusão, mesmo assim teria que me explicar com Ana Paula e o tal do Antonio, mas como faria isto? Naquele momento em nada disto eu pensava, estava sendo apenas conduzido por minha mente. Foi então que o destino interferiu e o desgraçado do carro não funcionou, tentei de tudo mas não dava partida. Que merda!

O celular tocou.

Não atendi. Deveria ser Ana Paula ou alguém querendo que o Lucas retornasse para casa. Também já era horário de devolvê-lo para sua casa.

Não atendi. Deixei tocando o celular até que parou por si só.

Tudo tão estranho em minha cabeça, aquela dor não parava. Não deixava refletir. Apenas me conduzia. Deixei seu corpo ali naquele porta-malas e subi no telhado da casa. Sei que aquela altura não me mataria, mas não sei nem porque fiz isto, apenas atendi minha mente.

Joguei-me de lá. Sem qualquer tipo de dor, permaneci desacordado.



Fiquei desacordado por alguns dias e quando retornei, estava num quarto de hospital que não era em Sidrolândia, com segurança na porta do quarto, um processo de Ana Paula e uma dura carta de minha velha mãe me abandonando e fazendo de tudo para me esquecer.

Do hospital desconhecido (que até hoje não sei onde era) fui para a prisão e para o manicômio, onde agora me encontro. Dizem que aqui é meu lugar, o lugar dos loucos, o lugar dos que não tem futuro. O lugar dos abandonados pela sociedade. Mas mesmo neste deplorável estado em que me encontro, preso nesta cadeira de rodas e com um braço amputado me sinto livre. Livre daquelas dores de cabeça infernal, livre daqueles sonhos malditos, livre da Ana Paula que nunca mais pode ver ou ouvir sua voz, me disseram que ela também foi embora daquela cidade com o tal do doutorzinho. Ela me fez pagar os pecados na prisão mas estou livre realmente.

Tudo passou, a dor foi embora e um novo mundo surgiu.

Estou livre de tudo. Estou livre aqui neste lugar medonho.

Walter Veroneze

26.12.2012